

O Brasil visto por Louis Léger Vauthier (Pernambuco, 1840-1846) – Diário e cartas

CLAUDIA PONCIONI

Université de Paris III-Sorbonne Nouvelle



Resumo: A paisagem urbana da cidade do Recife que Vauthier descreve nas páginas de seu diário é também uma paisagem social e humana. Sua descrição conjuga uma percepção às vezes paradoxal de uma natureza cuja beleza exuberante emociona o jovem engenheiro fourierista que acabara de chegar da França para dirigir o projeto de modernização da capital pernambucana e construir seu mais belo edifício, o teatro de Santa Isabel. As observações de Vauthier vão mais além do aspecto meramente visual, transmitem de forma percutante sua concepção do mundo e são marcadas pelo ângulo através do qual observa a sociedade brasileira e a cidade do Recife: a doutrina de Charles Fourier.

Palavras-chave: Paisagem urbana; Paisagem social; Recife; Pernambuco; Viajante europeu

Abstract: The urban landscape of the city of Recife that Vauthier describes in the pages of his diary is also a social and human landscape. His description combines a sometimes paradoxical perception of an exuberant nature whose beauty thrills the young engineer Fourierist who had just come from France to manage the project of modernizing the capital of Pernambuco and building its most beautiful building, the theater of Santa Isabel. Vauthier's remarks go beyond the purely visual aspect, (nao sei como falar percutante?) conveying his conception of the world and are marked by the angle through which he observes Brazilian society and the city of Recife: the doctrines of Charles Fourier.

Keywords: The urban landscape; The social landscape; Recife; Pernambuco; European traveller

Nascido em 1815 em Bergerac, na Dordogne, departamento francês do sudoeste da França, Louis-Léger Vauthier entrou por concurso em 1834 na *Ecole polytechnique* e dois anos mais tarde, ingressou na não menos prestigiosa, *Ecole des ponts et chaussées*. Após uma primeira missão na Dordogne, seguida por outra no departamento do Morbihan, na Bretanha, Vauthier aceitou a proposta feita pelo Barão de Boa Vista, então presidente da província de Pernambuco para ir trabalhar no Recife, onde dois anos mais tarde, assumiria a direção da recém-criada Repartição de Obras Públicas.

Sua presença no Brasil, entre 1840 e 1846, inscreve-se no vasto movimento de modernização lançado em 1816 pela chegada da Missão artística francesa ao Rio de Janeiro. Quando, em 21 de setembro de 1840, Louis-Léger Vauthier desembarcou no Recife, a sociedade brasileira encontrava-se numa fase de profunda mutação que começara com a chegada da família real portuguesa e a abertura dos portos em 1808.

Ao contratar o jovem engenheiro de apenas 25 anos, os dirigentes brasileiros pretendiam recorrer ao *savoir-faire* mais avançado da época no campo da engenharia. O francês deveria dirigir uma série de obras-públicas (porto, equipamentos urbanos, liceu...) capazes de devolver ao Recife seu status de grande capital regional, num momento em que a economia açucareira entrava em declínio e a cafeeira desenvolvia-se no sudeste do país.

Em sua então curta carreira francesa, Vauthier dera provas de grande competência como responsável pelas obras do porto mercante de Vannes, capital do departamento do Morbihan, primeiro passo de percurso profissional extremamente rico e variado ao longo do qual, após seu regresso do Brasil, inscrevem-se importantes realizações como a viabilização da navegação do rio Ebro na Catalunha, a modernização do porto do Havre, ou ainda importantes obras de engenharia ferroviária e portuárias.

O engenheiro Vauthier publicou, entre a data do seu regresso do Brasil em 1846 e seu falecimento, em 1901,

numerosos estudos técnicos, seguindo sempre a ideia de que o progresso técnico abriria necessariamente as portas ao progresso humano. Assim, para este discípulo de Fourier, progresso científico, técnico e humano eram indissociáveis. A vida pública de Vauthier, no período posterior ao seu regresso do Brasil, é o testemunho da relação estreita entre estes dois componentes de sua visão da sociedade e do mundo.

A estada de Vauthier no Brasil, entre 1840 e 1846 insere-se dentro desta trajetória. Longe de representar um parêntese, o período brasileiro inscreve-se numa vida consagrada à ideia de progresso. Sua produção intelectual e sua correspondência com homens de ciências e de ideias de seu tempo são o testemunho de sua curiosidade e de sua abertura para novas invenções e descobertas, assim como para as grandes questões filosóficas e políticas de seu tempo.

Foi assim que, durante os seis anos em que viveu no Recife, Louis-Léger Vauthier contribuiu para dar a conhecer, nos círculos intelectuais pernambucanos, os principais debates de ideias em voga no período, particularmente a doutrina de Charles Fourier.

Hoje historiadores brasileiros de renome reconhecem seu papel na difusão das ideias socialistas utópicas no Brasil, alguns deles chegando a ressaltar sua influência sobre intelectuais que, como Antonio Pedro de Figueiredo, participaram em 1848 da revolução Praieira.¹

Quando Vauthier desembarcou em Pernambuco a economia brasileira dava, apesar da resistência dos traficantes de escravos e dos grandes proprietários, seus primeiros passos na transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Se o Rio de Janeiro, o Recife, São Luís do Maranhão e, principalmente, Salvador, eram cidades onde a população era essencialmente composta de negros e mestiços, escravos ou libertos; os imigrantes europeus começavam a afluir; empregados domésticos mas também donos de pequenos comércios, artesãos de todo tipo, que buscavam satisfazer as necessidades de um mercado nascente e exigente.

As mulheres da aristocracia açucareira tinham, há pouco saído, de trás das gelosias do período colonial, vestiam-se à francesa e começavam a frequentar salões e saraus. A sociedade era ainda patriarcal mas o poder dos senhores de engenho começava a perder uma parte de seu caráter absoluto em relação à família e à escravaria, poder esse que contudo permanecia imenso.

O que foi exatamente fazer Vauthier na capital do Nordeste? Sua principal missão era a construção de um grande teatro onde a elite pudesse ver e ser vista e assistir a espetáculos importados da Europa, podendo demonstrar sua capacidade a adotar hábitos sociais “civilizados”.

Era também preciso educar a juventude. Sob a colônia esta função fora exercida quase que exclusivamente pela

Igreja, já no Império, a instrução começava a ser uma preocupação do Estado, de modo que as províncias eram incitadas a assumirem plenamente seu papel. Por isso Vauthier também teve a cargo o acompanhamento das obras de adaptação do Convento do Carmo em Liceu nacional provincial.

A expansão urbana exigia a construção de novas pontes, a circulação de mercadorias e a exportação do açúcar e do algodão, estradas dignas deste nome. Vauthier devia assim traçar igualmente a planta da cidade e apresentar um projeto completo de regras urbanísticas que assegurassem uma expansão racional da cidade.

Na capital da província de Pernambuco, a colônia francesa era, nos anos 1840, suficientemente numerosa para que, existisse no Recife um Consulado gaulês. Dois médicos franceses exerciam seu ofício e as lojas de comerciantes e artesãos vindos da França eram muito numerosas. No Recife Vauthier era um francês dentre outros, com uma diferença fundamental, contudo. Além de ser um jovem instruído e curioso, desfrutava, graças às funções que exercia na Repartição de Obras Públicas, de um posto de observação privilegiado.

Se foi um dentre os diversos engenheiros franceses que viveram no Brasil, por que Vauthier deles se sobressai? Primeiramente, pelas funções que desempenhou e as marcas que deixou na paisagem urbana do Recife e dos arredores, em seguida porque foi o autor de dois documentos publicados sobre o Brasil. São estes que inspiram este artigo.

O primeiro deles é o Diário que escreveu durante sua estadia e o segundo uma série de quatro cartas sobre o Brasil.² No diário anota impressões, sentimentos e faz observações sobre um país e uma sociedade que descobre no dia-a-dia, ou em suas viagens através da província de Pernambuco. As anotações são erráticas, fragmentadas e eminentemente subjetivas. Já nas cartas, um outro Vauthier apresenta ao leitor de modo sistemático, científico e trabalhado suas impressões sobre as casas brasileiras e os que nelas habitam.

Num país onde, durante mais de três séculos, foi proibido imprimir, no qual as vias de comunicação eram péssimas ou inexistentes, os brasileiros começaram a descobrir seu próprio país através do olhar dos viajantes estrangeiros e através desse olhar construíram sua própria imagem num jogo especular muito peculiar. Isso explica

¹ Revolta nacionalista, sob alguns aspectos progressista, que teve lugar no Recife em 1848. Sobre este movimento ver a obra de Izabel Andrade Marson, *O Império do Progresso, a revolução praieira em Pernambuco*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, 488 p..

² *Louis-Léger Vauthier, Ponts et idées, un ingénieur fouriériste au Brésil*, obra que reúne o Diário e as Cartas, edição organizada e adotada por Claudia Poncioni, com a participação de Georges Orsoni e Guillaume Saquet, Paris, Michel Houdiard editora, 491 p. Uma edição brasileira, Companhia Editora de Pernambuco, encontra-se atualmente no prelo, devendo ser lançada ainda em 2010.

o interesse particular que os brasileiros têm pelos relatos de viajantes estrangeiros sobre seu país.

Assim, se os documentos de autoria de Vauthier, tão preciosos para o conhecimento da sociedade brasileira dos novecentos, chegaram ao leitor de hoje, isto deve-se a personagens-chaves da *intelligentsia* brasileira do século XX: Paulo Prado, Gilberto Freyre e Rodrigo de Melo Franco de Andrade, que souberam avaliar a importância deste testemunho.³

Gilberto Freyre explicou no prefácio escrito em 1940 para a edição do “Diário do Engenheiro Vauthier”, as circunstâncias que precederam à edição do mesmo. Lembremos que, no início dos anos 1930, Paulo Prado encontrou numa livraria de livros antigos de Paris, um manuscrito. Foi num caderno de capa acastanhada que descobriu a letra fina, nervosa e quase ilegível que preenche cerca de duas centenas de páginas que o tempo amarelou e onde Vauthier deixou para sempre um retrato do jovem que foi e do Brasil que descobriu.

Consciente do interesse do documento, Prado comprou-o e ofereceu-o a Gilberto Freyre em 1937. O mestre de Apipucos conhecia a marca que o engenheiro francês deixara no seu Recife natal e propôs a Rodrigo Melo Franco de Andrade, fundador e diretor do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a sua edição. Ficou acertada uma edição comentada por Freyre e o Diário foi lançado em 1940. Contudo as notas – escritas sobretudo a partir de um trabalho inovador para a época, de pesquisa nos arquivos dos jornais pernambucanos – são tão abundantes e interessantes, que dão por sua vez origem a outra obra: “Um engenheiro francês no Brasil” que José Olympio edita no mesmo ano.

As reações que a publicação do Diário suscitam são diversas e Gilberto Freyre a elas se refere, em 1960, nos seguintes termos:

A alguns suas leviandades de francês vaidoso repugnam de tal modo que não acham no diário virtude nenhuma; a outros, o diário de Vauthier não parecendo de modo algum obra de santo pelo rigor ou pureza de objetividade, apresenta-se particularmente valioso pela agudeza de alguns dos seus reparos e pela fragrância de muitas de suas informações. Valioso para o estudo do passado brasileiro. Valioso para a interpretação do caráter nacional. Ainda há pouco, em estudo sobre o Brasil que é um primor de síntese sociológica, o Professor Fernando de Azevedo deu relevo ao diário de Vauthier, no qual autores de menor porte só têm enxergado leviandade ou ligeireza de opinião.⁴

Esta observação sintetiza a questão crucial da publicação de um texto, mais precisamente, de um escrito íntimo, cuja vocação era a de permanecer na esfera do privado. É fato que o engenheiro escreve suas impressões sobre uma sociedade e um país que descobre sem qualquer outro filtro além daquele imposto por sua moral pessoal.

Por que Vauthier escreve um Diário? Seguramente o fato de que este comece no dia de sua chegada ao porto do Havre, de onde embarcaria para o Brasil, denota o papel de acompanhante, de companheiro, de suporte no qual o jovem Louis-Léger vai sistematizar e depositar suas impressões e sentimentos. O fato de que suas anotações sejam muito frequentes nos dois primeiros anos de sua estada no Recife e que se tornem esparsas e sintéticas a partir de então, pode ser o resultado de uma melhor integração na vida pernambucana e portanto de uma menor necessidade do acompanhamento de um Diário.

Por outro lado, não esqueçamos o aspecto literário de um diário, texto de auto-ficção no qual o diarista constrói sua auto-imagem. Assim o diário é um documento de Vauthier mas igualmente um documento sobre Vauthier. Nele, se a verdade do relato sobre o mundo exterior pode ser questionada, se a verdade sobre si mesmo também, estão patenteados os sentimentos, preconceitos, psicologia e ideologia do autor daquelas linhas, sem filtros, sem preocupações em relação ao leitor, que não deveria ser outro senão o próprio autor. Podemos assim dizer que o diário é um texto marcado por um certo tipo de sinceridade.

Essa sinceridade fere muitos dos leitores brasileiros, a começar pelo primeiro deles, Gilberto Freyre, pois a imagem que Vauthier dá do Brasil e dos brasileiros não é, na maior parte das vezes, aquela que gostariam de encontrar.

O retrato da sociedade brasileira que Vauthier pinta está longe de ser neutro. Jovem, idealista, presunçoso, vaidoso, Vauthier aborda o Brasil com certezas forjadas por sua formação acadêmica e pela educação burguesa que recebeu. Suas apreciações são essencialmente cortantes, implacáveis.

Quando falam de seu país, tudo o que lhe sucede de mau atribuem à falta de patriotismo. Sim, de fato, o patriotismo é nobre e bom, como todos os sentimentos que, nos homens, derivam do uniteísmo,⁵ mas ele é cabível,

³ Editadas primeiramente em 1940 e em seguida em 1960, por ocasião da publicação da obras completas de Gilberto Freyre pela José Olympio, as duas obras encontram-se atualmente em fase de reedição, a partir de um novo estabelecimento de texto do manuscrito autógrafa de Vauthier. Cf.: *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier – 1840-1846* – prefácio de notas de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1940, 215 pp.; Gilberto FREYRE, *Um engenheiro francês no Brasil*, com um prefácio do Professor Paul ARBOUSSE-BASTIDE, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940, 220 pp., Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, 2 tomos, Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, p. 513. As passagens do diário citadas neste artigo foram traduzidas por mim a partir do original autógrafa. Contudo, indico igualmente a página onde se encontram na edição de 1960.

⁴ Gilberto Freyre, “Introdução do anotador às cartas de Vauthier sobre *Casas de Residência no Brasil*”, in *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio de Janeiro José Olympio, 1960, 2º tomo, p. 765. Além de Fernando Azevedo, Bóris Fausto, Evaldo Cabral de Melo ou ainda Wilson Martins, para mencionar apenas os mais importantes, citam Vauthier.

⁵ “uniteísmo” ou unidade de ação da vida na doutrina de Charles Fourier.

desgraçados, em meio da sua desordem e miséria...? Trabalhem para melhorar a sua posição. Trabalhem! Movam os braços e a inteligência e terão depois o patriotismo. Eu bem gostaria que alguém pedisse a um desses vadios, que tanto falam de falta de patriotismo, que carregasse uma mira e ajudasse a fazer um nivelamento. Diria logo que não é criado nem escravo, que é livre e não nasceu para carregar coisa alguma. Pobre gente [...].⁶

Lembremos mais uma vez, isso é importante, que o engenheiro certamente nunca teria publicado este diário e não pode por isso ser responsabilizado pelo que nele diz. Contudo certos estudiosos brasileiros, parecem não levar em conta este aspecto da questão. Pior ainda, chegam a afirmar que o diário foi escrito para ser publicado, como se fosse de uma ficcional ou um diário depurado, reescrito com vistas à publicação, como comprova a citação que se segue:

Para Vauthier, as damas que frequentavam os saraus e serviam chá à inglesa já não eram tão passivas. Talvez ele tenha interpretado erroneamente os códigos locais, ou quisesse apenas contar vantagem, já que elaborou seu diário pensando em publicar. De uma forma ou de outra, afirmou que várias mulheres, tanto casadas como solteiras, tentaram seduzi-lo, para regozijo do pedante viajante francês, que em seus escritos deixou claro seu desprezo pelos brasileiros e brasileiras.⁷

O autor dessas linhas, que publicou um excelente artigo sobre o trabalho doméstico e a escravidão no Recife dos noventa, engana-se contudo ao afirmar que o diário foi escrito para ser publicado com uma finalidade de promoção pessoal.

Tal pressuposto leva o leitor a uma visão totalmente distorcida da ótica com a qual o francês redigiu seu diário, que repito, nunca foi escrito para ser publicado. A vaidade de Vauthier, não teria permitido que viesse à luz tal texto que além de desvendar aspectos pouco lisonjeiros de sua personalidade, em nada correspondia às exigências estilísticas que o engenheiro se impunha ou ainda ao seu desejo de reconhecimento literário.

O objetivo do autor era antes de mais nada o de sistematizar emoções e sensações e organizá-las de forma racional. Sua função era igualmente a de preencher a solidão de um jovem afastado de seu meio familiar, afetivo, social e cultural. Assim, o Diário foi um acompanhante fiel na descoberta de um mundo novo, o lugar de monodialogo.

30 de julho de 1840

Há em mim um desejo imperioso, uma viva necessidade de falar às vezes dessas coisas elevadas que ainda hoje a ciência pressente mais do que explica. Mas bem raras são as almas que têm idênticas aspirações e desejos. Tenho, então, que refletir sozinho, — porém o trabalho solitário do pensamento me é extremamente penoso.

As ideias que não posso transmitir perdem para mim quase todo o encanto.⁸

No Diário Vauthier contabiliza a vida, registra a correspondência enviada e recebida, suas leituras, despesas, aventuras amorosas — é certo — mas também os efeitos do trabalho de propaganda que leva a cabo para difundir as ideias de Charles Fourier no Recife.

6 de setembro de 1843

Remetidas pelo Bey, de partida amanhã, 7 de setembro: Uma carta oficial aos gerentes da “Phalange” com uma lista dos 15 subscritores de 48 ações, em consequência da transformação da Phalange em jornal quotidiano. — 1.^a série 21. 2.^a série 13. 3.^a série 14 = 48

Uma a Cantagrel, na qual incluí a precedente; A Figueira de Mello pelo navio a vapor que sairá a 7, contendo um projeto financeiro da *Phalange*.⁹

O diário, enfim, ajuda Vauthier a não se afastar muito de seus princípios morais, exercendo uma função de auto controle e de auto-educação.

30 de setembro de 1840

Por que será, meu Deus que passam pelo sangue esses frêmitos, cuja lembrança, quando estamos na atmosfera pura de um ser amado, produz tanta vergonha. Fatais condições atuais nas quais a alma e o corpo estão sempre em confronto — nas quais a alma tem piedade do corpo, nas quais o corpo envergonha a alma.¹⁰

Quando lemos as observações de Vauthier sobre a vida brasileira, sobre suas relações pessoais e de trabalho, sobre Recife e seus arredores não podemos esquecer seu ângulo de visão: o de um socialista utópico fortemente influenciado pelo empirismo e pelo espírito científico.

19 de agosto de 1840

Dupla escala de Bacon. Através da primeira, parte-se de um fato dado a fatos a cada vez mais gerais, classificando os fatos intermediários por ordem de generalização. Através da segunda, desce-se do fato mais geral a fatos cada vez mais particulares, classificando os fatos intermediários por ordem de particularização. Este duplo método que leva à certeza científica, constitui o método, a lógica.¹¹

E fortemente marcado pela frescor de sua juventude, impregnada pelo espírito romântico, considerando seu destino superior ao dos franceses comerciantes de Recife, cuja venalidade rejeita veementemente:

⁶ Diário íntimo do Engenheiro Vauthier, 2 décembre 1840, op. cit., p. 646.

⁷ Marcus J.M. de Carvalho, “De Portas Adentro e de Portas Afora: Trabalho doméstico e escravidão no Recife (1822-1850)” in *Afro-Asia*, n. 29/30, Salvador, 2003, p. 62.

⁸ “Diário íntimo de Louis-Léger Vauthier”, in Um Engenheiro Francês no Brasil, op. cit., p. 532.

⁹ *Id. ibid.*, p. 739.

¹⁰ *Ibid.* p. 564.

¹¹ Sublinhado no original, *ibid.*, p. 539.

Todas essas vulgaridades mercantis, todas essas profissões de fé sórdidas, inspiram-me uma profunda repulsão. Isto exalta estranhamente em meu coração, a consciência de minha superioridade de sentimentos sobre os sentimentos de todas essas naturezas comuns. Considero, com orgulho, que nunca pensei a dirigir minha vida seguindo tais princípios e que jamais por eles será guiada.¹²

Gilberto Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade resgataram dos arquivos onde se encontravam desde 1853, uma série de quatro cartas que Vauthier publicara na *Revue générale de l'architecture et des travaux publics* naquele ano.¹³

O destinatário destas missivas, que tinham o Brasil como tema, era o diretor da publicação, o arquiteto César Daly, que fora inicialmente fourierista, adotando em seguida a doutrina de Saint Simon, era uma grande figura do mundo das artes e das letras, associado a numerosas *sociétés savantes*, prestigiado por governantes e academias. No 11º volume desta revista foram publicadas, sob o título de *Des maisons d'habitation au Brésil*, 4 cartas assinadas por Louis-Léger Vauthier, cujo destinatário é Daly.

No Brasil, desde que foram publicadas tornaram-se, a exemplo do diário, uma fonte importante de informação, uma referência frequentemente citada por arquitetos ou especialistas ligados à preservação ou ao restauro do Patrimônio nacional. Posto que Vauthier não se limita a descrever as construções, ocupando-se igualmente dos costumes daqueles que nelas viviam, estas cartas despertaram também o interesse de urbanistas, sociólogos e historiadores. Contrariamente às reações, por vezes hostis provocadas pela publicação do diário íntimo, a leitura das cartas não despertou nos leitores brasileiros nenhuma suscetibilidade particular. Procuremos destarte compreender a razão disto.

Deixaremos, para tal, de lado os aspectos técnicos referidos nessas cartas e buscaremos cotejar passagens do diário, escrito pessoal, íntimo com excertos de cartas dirigidas a um amigo, colega de *métier* com quem compartilhava convicções políticas. Como veremos as cartas, contrariamente ao diário, foram publicadas com a autorização do autor e mais, foram escritas para serem publicadas.

Nossa confrontação se fará a partir da descrição de três tipos de situação: inicialmente a condição dos escravos, em seguida a das mulheres da elite e do povo, finalmente compararemos algumas descrições da paisagem urbana do Recife e de seus arredores.

No caso dos escravos, é natural a simpatia que Louis-Léger sente por eles. E nesse caso o termo simpatia aplica-se na sua acepção primeira, “sofrer com”. Com efeito, logo nos seus primeiros dias no Recife, anota no diário manifestações de revolta que lhe inspiram os maus-tratos

ou a condição sub-humana que a sociedade escravagista impõe aos cativos:

Hoje o cadáver de um negro ficou boiando na praia, debaixo das nossas janelas, levado e trazido pelas oscilações das marés. Mil pessoas passaram, viam-no, pararam um instante antes de seguirem caminho muito filosoficamente. Aprecio pouco as ideias geralmente admitidas sobre cadáveres que tendem em alguns casos a conceder mais cuidados aos despojos sem alma do que ao ser quando está vivo – mas este descaso, essa indiferença geral perante a morte – é verdade que era um negro! Um negro vivo já é pouca coisa: o que será então um negro morto? Essa incúria generalizada com as exalações que emanam de um cadáver, tudo isso caracteriza de modo bem saliente esta barbárie, engastada na selvageria e mal maquilada em civilização [...].¹⁴

Evidentemente o tema crucial da condição dos escravos na sociedade brasileira do século XIX figura igualmente nas cartas. Vauthier conta que, por ocasião de uma visita a um engenho, seu pedido de visitar a senzala parece despropositado aos anfitriões e é nos seguintes termos que descreve a experiência:

Vamos agora dar uma olhada nas habitações dos negros, mesmo se nosso anfitrião fique surpreendido com a manifestação dessa estranha curiosidade. É difícil que uma habitação humana possa ser reduzida a uma expressão mais simples [...]. É lá que vegeta, se propaga, envelhece e morra esta população humilde, doce e submissa, essa raça duramente explorada, à qual foi tão fatal a comiserção do bom *Las Casas* em relação aos índios desgraçados. Nada é mais monótono do que essas existências voltadas a um trabalho do qual a inteligência foi banida e que não solicita as vivificantes esperanças, objetivos incessantes dos esforços humanos. Uma melhor situação que se quer alcançar, uma família a conquistar, o repouso da velhice a garantir; nenhum desses pensamentos pode reconfortar esses corações humanos. Quer os canaviais estejam verdejantes, quer a seca os faça amarelos, quer a planta seque prematuramente, seu destino não será nem melhor nem pior. Todos os dias receberão a mesma cuia de mandioca, o mesmo pedaço de carne seca ou de bacalhau; será sempre duas vezes por anos, a mesma camisa, as mesmas calças e o mesmo chapéu de palha. O tempo da safra, época de festejos para os senhores, só varia um pouco o trabalho ao aumentar a fadiga.¹⁵

¹² *Ibid*, p. 586.

¹³ “Cartas Brasileiras de Vauthier”, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, v. 2, p. 802-894. Segunda edição in *Arquitetura Civil I* (textos escolhidos da *Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional*) São Paulo, FAUUSP et MEC-IPHAN, 1975.

¹⁴ “Diário íntimo de Louis-Léger Vauthier”, in *Um Engenheiro Francês no Brasil*, op. cit., p. 569.

¹⁵ L. L. V., “Des maisons d’habitation au Brésil”, Lettre n. 4, in *Revue générale de l’architecture et des travaux publics*, Paris, 1853, p. 304.

O tema é o mesmo, a opinião do francês sempre marcada pelo humanismo, mas o estilo claramente outro. Muito mais trabalhadas, estas últimas linhas são muito mais uma descrição sensível do triste destino dos escravos do que uma crítica do sistema escravocrata. É o Vauthier homem público que as escreve, plenamente consciente da força das palavras, mas consciente também do fato de que a mão-de-obra escrava era considerada indispensável para o progresso material do Brasil e mais ainda, de que a escravidão era, no país, um “mal necessário”.

Por outro lado, podemos supor que o autor preocupava-se com as reações dos brasileiros que pudessem ler essas linhas. Amigos pessoais, simpatizantes das doutrinas utópicas que queria difundir no Brasil mas igualmente proprietários de escravos que uma descrição mais crua da vida na senzala poderia ferir.

A escravidão surge então como uma mancha, um pecado mortal que marca um país que continua, mesmo com todas suas contradições a fascinar o engenheiro mas não podendo absolver o pecador, Vauthier trata de atenuar os efeitos do pecado que transforma de mortal, em venial. Mesmo se ressalta que o espetáculo é desolador para um coração sensível, Vauthier trata de o nuancear nessas linhas que lembram as que Gilberto Freyre escreveria muitas décadas depois, sobre o caráter singular das relações entres mestres e escravos no Brasil, que uma coabitação prolongada e o caráter mestiço da cultura portuguesa teriam suavizado, anunciando até as teorias que Gilberto Freyre desenvolveria muito mais tarde.

Digamos, inclusive, para a honra do país que visitamos, que dentre todos os países onde a chaga da escravidão subsiste, trata-se que um daqueles onde os senhores de escravos são mais mansos, e onde os costumes protegem de modo mais eficiente a raça sujeita à servidão; o chicote usual lá só cumpre o seu cruel ofício em raras ocasiões; os laços do coração, quando se estabelecem, encontram uma garantia na opinião geral, e, quando o desejo de liberdade vem solicitar uma dessas almas ingênuas, os meios de a conquistar não lhes são proibidos.¹⁶

Quanto à situação da mulher, se é bem verdade que o engenheiro anota no diário suas numerosas experiências amorosas no Brasil, descreve também a condição feminina. E faz observações na quais Gilberto Freyre não hesitou em apontar de erros de apreciação, intolerância ou uma visão etnocentrista.

[...] essa missão técnica de franceses em Pernambuco, na época de Boa Vista, marca um momento intenso na história das relações da cultura brasileira com a francesa; e talvez ilustre melhor que a missão artística – composta de gente mais notável e por isso mesmo de atuação inteiramente livre de pequenos mas constantes conflitos com o meio – o processo social de alteração de uma cultura por outra através de elementos técnicos

em pessoa. Em pessoa, em contato cotidiano com o meio; em luta diária com a rotina, as tradições, os ressentimentos desse meio; e, por sua vez, cheios não só das virtudes como dos defeitos do seu país de origem; cheio de grandes e pequenas vaidades; de grandes e pequenas intolerâncias; de grandes e pequenas incompreensões. O próprio Vauthier – a figura mais alta do grupo – dá, no seu diário, provas lamentáveis de intolerância e de incompreensão do que o nosso país tinha e tem de diferente do seu.¹⁷

No entanto, como criticar o francês por condenar o comportamento inaceitável de um pai?

Há alguns dias, em torno do 20 de junho, ao passar pela rua da Cadeia do Recife, à noite, voltando para casa, encontrei um guarda-nacional – um cabo – que me perguntou, depois de muitos rodeios, que estava para ser posto no olho da rua, que não meios para pagar o aluguel e se dirigia à minha Senhoria em busca destes. Disse-lhe que regressasse no dia seguinte. No dia seguinte chegou, voltou a explicar o seu caso ao mesmo tempo em que me assegurava que estava à minha disposição e que esta o levaria a seguir-me até o inferno. Conta que tem uma filha, que ainda não está bem crescida mas que já é jeitosa – “é sofrível” e que me apresentará a ela dentro de alguns dias! Eis como, nesse país, os pais pagam as dívidas da gratidão.¹⁸

Como reprovar sua surpresa de encontrar num engenho dos arredores do Recife uma jovem dona de casa, de apenas 11 anos de idade? *Mulherzinha do irmão, Senhor Sebastião, 11 anos! casada há um ano, acho que está grávida – tem olheiras! Não parece ter mais idade do que tem – nariz arrebitado, ar infantil. Por pouco não a segurei pelo queixo.*¹⁹

Ou sua repugnância quanto ao comportamento de senhores de engenho que, de modo sistemático, defloram as filhas dos “moradores”? *Voltamos, falamos de mulheres! Como é que eles vêem a coisa! Em cada festa do lugarejo o Sr. Lulu deflora umas quantas.*²⁰

Já nas cartas, Vauthier ao descrever o lugar reservado às mulheres da aristocracia rural, mulheres que pouco vêm pois pouco se mostram, dá provas de discricção:

[...] mais do que em qualquer parte, são aqui divindades veladas. Não creia por isso que os maridos sejam tiranos ferozes; alguns pelo contrário, são homens instruídos, distintos, e no trato, bem agradáveis. Após algumas conversas prévias, você será recebido com o afeto de amigos sinceros. Falarão sobre coisas da Europa que conhecem através dos livros tão bem, ou até melhor que você. Se estivessem na cidade, lhe

¹⁶ *Id. ibid.*

¹⁷ Gilberto Freyre, “Duas palavras do anotador sobre o Diário íntimo de Louis-Léger Vauthier”, *Um engenheiro francês no Brasil*, op. cit., p. 511.

¹⁸ *Ibid.*, p. 703.

¹⁹ *Ibid.*, p. 710.

²⁰ *Id. ibid.*

teriam, sem dúvida, apresentado a família; mas no Engenho, sofrem o peso dos costumes e você não terá nunca a oportunidade de entrever nem sua mulher, nem suas filhas.²¹

Uma vez mais, o estilo do diário é cru, telegráfico, e o das cartas, trabalhado, rebuscado. Nestas o peso das tradições é salientado para justificar comportamentos retrógrados por parte de homens que apresenta como letrados. Um paradoxo entre outros de uma cultura onde a modernidade é superficial e a influência das ideias européias não passa de uma fina camada de verniz que recobre o patriarcado ancestral, cimento das relações entre marido e mulher, pais e filhos, mestre e escravos. Note-se porém que o engenheiro encontra-se claramente dividido entre a preocupação de descrever uma realidade e a de respeitar as suscetibilidades de seus amigos brasileiros.

Passemos agora ao terceiro tema, a descrição da exuberante natureza brasileira. Este ponto é muito importante na medida em que um dos mitos fundadores da identidade brasileira é a existência no território nacional de uma riqueza natural tão extraordinária que faz do Brasil um país único, privilegiado em relação a todos os demais. Foram os relatos dos viajantes europeus do início do século XIX, principalmente dos naturalistas, que forneceram os elementos que os ideólogos do nacionalismo iriam a valorizar após a independência.

É justamente a propósito da descrição das paisagens naturais que o diário e as cartas coincidem. O francês maravilha-se com a edênica natureza tropical que, infelizmente, não merecem os privilegiados que nela vivem.

Do lado da estrada, as ribanceiras são abruptas e pitorescas, logo, ao longe elevam-se montanhas que se esfumam. É realmente encantador, e senti um prazer sincero ao ver tudo isso; infelizmente são apenas algumas lascas de ouro cobrindo um monte de lama – alguns berloques pendurados no pescoço de uma moça que não tem o que vestir.²²

Porém é de notar que na imensa maioria das descrições que aparecem tanto no diário, como nas cartas, o encantamento com a exuberância da natureza tropical prevalece sobre qualquer outra impressão menos favorável, encantamento que busca transmitir ao leitor:

Seus olhos, habituados ao aspecto monótono dos nossos grandes bosques, que nada mais são do que a mesma espécie reproduzida num número imenso de exemplares, como não ficariam encantados com a infinita variedade de portes, de formas, de nuances com a natureza dotou a flora desses belos climas? E não são apenas as mil flores que embelezam esses vegetais favorecidos que encantam o olhar. Outros traços mais notáveis caracterizam o quadro. Veja! Nesse oceano de folhagens, não há duas árvores que justapostas, se pareçam. Estas espalham em todos as direções os

mil ramos divididos, dos os quais sobressaem, pela sua elegante simplicidade, os penachos das palmeiras que transpassam a abóboda espessa para aspirar o ar e a luz; estas através dos tufos de folíolos ligeiros que as mimosas arredondam, espraíam suas largas folhas, leves e reluzentes e projetam em direção ao céu seus ramos semelhantes a imensos candelabros; enquanto que, no seio dessas massas confusas, o enorme visgueiro estende, como para marcar diferentes andares, seus largos planos de um verde escuro, onde estão suspensas frutas aladas, na ponta de flexíveis pedúnculos. E, se dessas alturas esplêndidas onde se mesclam cachos dourados de acácias, talos bizarros de brinco de princesa, corolas purpúreas das begônias, os olhos baixam novamente ao chão, o espetáculo muda sem que o encanto diminua.²³

A descrição é idílica, bucólica, alguns até poderão nela encontrar semelhanças com o estilo de certos autores românticos brasileiros. Neste cenário poderia, por exemplo, surgir de repente uma jovem índia, “virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros como a asa da graúna e mais longos que se talhe de palmeira” ... lembremos agora que esta idealização se faz em contraponto à natureza francesa, como testemunha a primeira carta dirigida a Daly:

Meu caro Daly,

Você manifestou o desejo de que eu lhe dissesse algumas palavras sobre questões de interesse para arquitetos ou engenheiros sobre aquele belo país além do Atlântico, a que, a imaginação do turista em perspectiva, empresta, conforme a afirmação de seus antecessores, as mais alegres cores e cujo clima ameno e a vegetação sempre em flor inspiram saudosas recordações aos que o conhecem, quando, açoitados pelo vento glacial, pisam a neve no inverno sob nossas árvores atrofiadas e tiritantes.²⁴

Detenhamo-nos mais atentamente nesta passagem pois contém informações interessantes: primeiramente que as cartas foram escritas a pedido do diretor da revista: *Deseja que eu lhe diga algumas palavras sobre os fatos que podem interessar o arquiteto e o engenheiro naquele belo país de além Atlântico*. Em seguida, Vauthier anuncia o projeto de levar o leitor através de caminhos já percorridos pelos viajantes europeus através de um país: *ao qual a imaginação do futuro turista empresta, baseando-se nas afirmações de seus antecessores, cores tão alegres*.

Nada de surpreendente portanto que o missivista procure recriar a ilusão da viagem: *Se mais tarde, tiver*

²¹ L. L. V., “Des maisons d’habitation au Brésil”, Lettre IV, op. cit., p. 296, a tradução destas citações é de minha autoria.

²² *Diário íntimo de Louis-Léger Vauthier*, op. cit., p. 582.

²³ L. L. V., “Des maisons d’habitation au Brésil” Lettre n. 4, in *Revue générale de l’architecture et des travaux publics*, Paris, 1853, p. 291

²⁴ L. L. V., *Des maisons d’habitation au Brésil*, Lettre I, op. cit., p. 118.

*a paciência de se aventurar comigo pelo campo, se nós visitarmos os engenheiros, lá veremos [...].*²⁵

O estilo corresponde certamente ao gosto da público da época, condicionado pela leitura de folhetins; o engenheiro busca agradar e cativar o leitor:

Mas me apercebo que esta carta já está muito longa, se quiser, deixaremos a continuação do passeio para um outro dia. Por hoje, digo-lhe adeus, e encerrarei esta maçante missiva com a fórmula sacramental: continua no próximo número.²⁶

Instigar a curiosidade do leitor explica-se evidentemente pela esperança de que outras cartas venham a ser encomendadas, pois é a Daly que cabe dar uma eventual continuação à publicação destas epístolas.

Ainda teria muito o que lhe dizer sobre as vendas, tabernas típicas do país e dos ranchos onde se alojam os viajantes que penetram no interior das terras, mas deixarei esses detalhes em silêncio, a menos que você tome outra decisão.²⁷

Por que o engenheiro Vauthier deixa transparecer esta preocupação? A releitura mais atenta de uma passagem já citada, permitirá compreender melhor as circunstâncias nas quais as cartas, que Vauthier enviou a Daly, sobre o Brasil foram escritas e em seguida publicadas:

Cujo clima suave e a vegetação sempre em flor inspiram tanta saudade àqueles que o conhecem e que enregelados pelo sopro do vento túlgido, andam por sobre a neve do inverno, debaixo de nossas árvores enfezadas e tiritantes.

As saudades a que se refere o remetente permitem-nos compreender que estas cartas não foram escritas no Brasil, entre 1840 e 1846, ou seja, durante os seis anos em que morou em Pernambuco e em seguida guardadas para finalmente serem publicadas em 1853, como poderíamos supor. Na verdade, Vauthier volta às paragens pernambucanas a partir de lembranças, de anotações e provavelmente da releitura de seu diário íntimo.

É que quando conhecemos a vida que Vauthier levou na França depois de seu regresso do Brasil, sabemos que foi detrás das grades de uma prisão política que o engenheiro se lembrou da doçura do clima do Recife e daqueles anos passados num país estrangeiro longínquo onde foi feliz, entregou-se à força dos sentidos para em seguida viver seus primeiros anos de casamento, enfrentando contrariedades e até mesmo perigos. Pernambuco foi o lugar enfim onde deixou de ser jovem para se transformar em adulto. No Brasil, Vauthier viveu um percurso iniciático e quando desembarcou em dezembro de 1846, de volta ao seu país

natal pouco tinha em comum com o jovem que embarcara no porto do Havre, em julho de 1840.

Eleito deputado nas eleições de 1849, representando a tendência dos republicanos democratas socialistas, Vauthier participou em junho de 1849, com seus amigos da Montanha da manifestação de protesto contra a expedição que a França enviara para restaurar o poder do papa Pio IX e combater a Nova República de Mazzini. Em Paris, as forças da ordem intervêm contra a manifestação que degenera em motim. Vauthier encontra-se dentre os que, entrincheirados no *Conservatoire des Arts et Métiers*, tentam formar um governo provisório. O apoio popular esperado falha, os rebeldes são presos e processados.

Um período sombrio tem início na vida de Louis-Léger Vauthier. Condenado à deportação pela *Haute Cour de Versailles* tem seu mandato e seu título de engenheiro de Pontes e calçadas cassados. É aprisionado primeiramente em Doullens, na Picardia, no nordeste de Paris, partindo em seguida para a colônia penal insular de Belle-Île, na Bretanha e finalmente, a partir de 1852, cumpre pena em Paris, na prisão de Sainte Pélagie. Só seria liberado em 1855 sob a condição expressa de não mais exercer qualquer atividade política e de deixar imediatamente o território francês.

Foi portando da prisão parisiense de Sainte Pélagie que Vauthier escreveu as cartas que Daly publicou na *Revue générale d'architecture et des travaux publics*. O jovem fogaoso e sectário deu lugar a um homem marcado pela adversidade, mas sempre fiel às suas convicções. As cartas publicadas em 1853 foram escritas com distância física e temporal em relação ao país que descrevem. Isto contribui certamente também para explicar as diferenças de tratamento da realidade brasileira que transparecem nos dois escritos.

Na verdade as cartas foram, muito provavelmente, escritas por encomenda de Daly, quase certamente para gerarem algum recurso que pudesse ajudar o sustento da família Vauthier. As circunstâncias da redação das cartas responde, deste modo a uma necessidade primeiramente material. Contudo, esta não é a sua única função. A evocação de um Brasil longínquo, de um passado de juventude e de liberdade sob o agradável clima do Recife, que a brisa protege do forte calor, transporta o prisioneiro para bem longe das grades e do frio de sua prisão parisiense. As paredes dentro das quais se encontra fechado tombam no tempo e, assim rememoradas, as lembranças dissolvem e encobrem a cela na qual se encontra enclausurado. A lembrança do passado é o esquecimento do presente e Vauthier pode então refazer a viagem que deseje compartilhar com aqueles que se encontram do lado de fora. As descrições do habitat, das ruas e das pontes, dos rios e das matas, dos costumes de homens e mulheres de

²⁵ *Id. ibid.*, Lettre II, p. 171.

²⁶ *Ibid.*, Lettre I, p. 131.

²⁷ *Ibid.*, Lettre IV, p. 306.

livres e escravos são doravante uma lembrança que doa aos leitores que convida a sua experiência brasileira nestas cartas que são cartas de prisão.

O engenheiro só voltará a escrever sobre o Brasil muito mais tarde. O tema tratado é então eminentemente técnico. Em 1899 é publicado nos *Annales des ponts et chaussées* um artigo: “La barra de Rio de Grande do Sul”, no qual Vauthier analisa um projeto de viabilização da

navegação neste estado do sul do Brasil. Evoca então com nostalgia um país onde diz ter deixado muitos amigos. Dois anos antes de falecer, Vauthier é então um homem reconhecido e próspero mas, para retomar uma fórmula típica dos folhetinistas, esta é uma outra história...

Recebido: 22 de julho de 2010
Aprovado: 19 de setembro de 2010